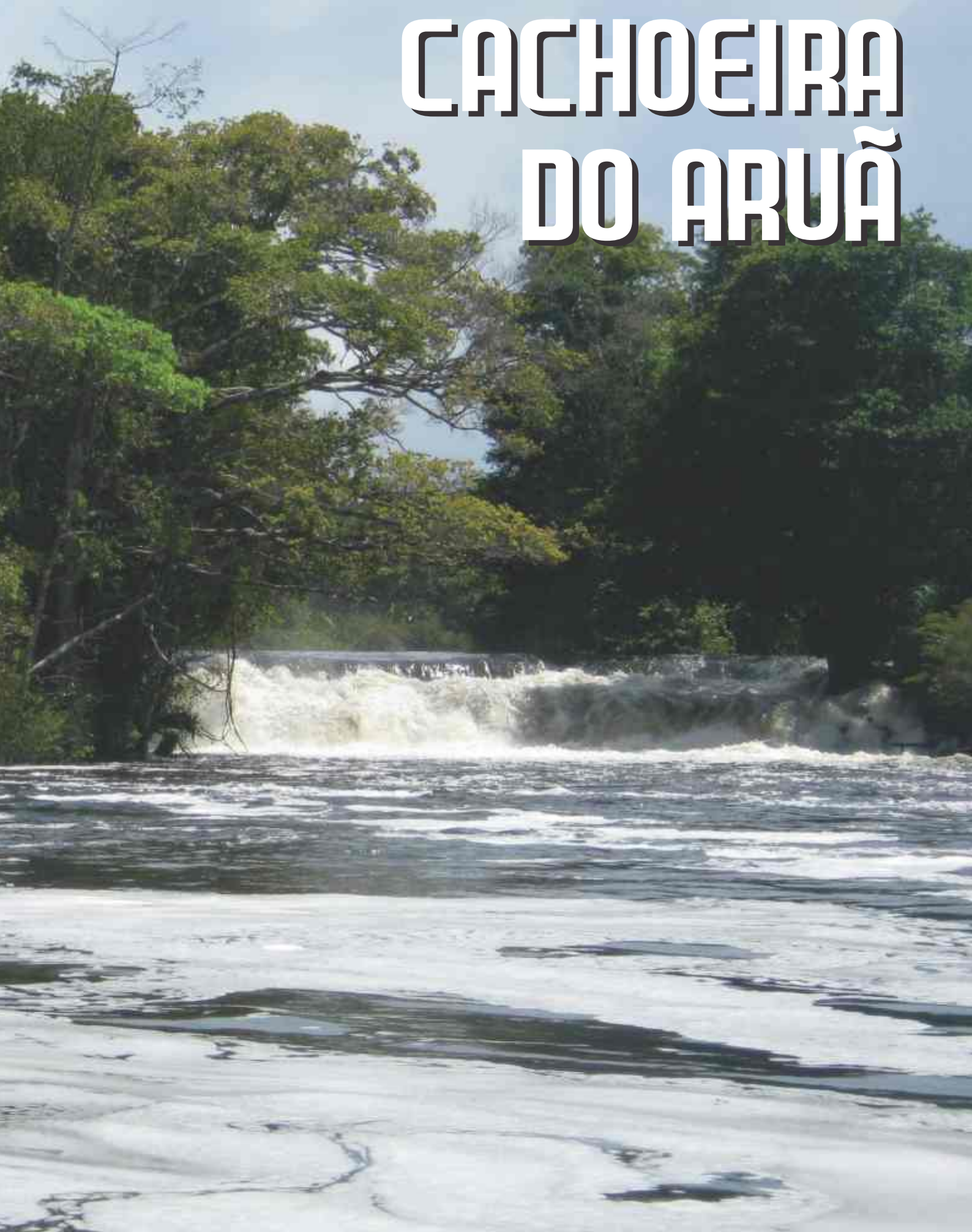


Prazer em conhecer
CACHOEIRA
DO ARUÃ



Realização:



inct
instituto nacional de
ciência e tecnologia



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



Apoio:



FORD FOUNDATION
Na linha de Frente das Mudanças Sociais

OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

O PAE LAGO GRANDE 6

UMA VIAGEM ATÉ AS BRUMAS 7

MAPAS DE ARUÃ 8

LOCALIZAÇÃO 11

UM POUCO DE HISTÓRIA 12

A VIDA COMO ELA É 13

GLOSSÁRIO 15

FICHA TÉCNICA 15

**Prazer em Conhecer
CACHOEIRA DO ARUÃ**

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2012



Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída aos comunitários da região do Rio Aruã, que, reunidos se dedicaram a construir com esmero uma história, uma cartografia da memória, uma vez que os dados sobre as comunidades são escassos. Com a participação de um povo dotado de uma riqueza cultural peculiar em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito de que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

"Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã."

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em 2012, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Somou-se a esse esforço de levantamento de dados das comunidades, o trabalho da Escola Municipal de Ensino Fundamental N. Sra. de Nazaré, através de sua diretora, Ivacilda Soares, dos professores e da Associação de Moradores da Cachoeira do Aruã (AMOPE).

Essa maneira participativa foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam as riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com os povos da floresta.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que "debaixo da floresta da gente tem gente", gente que luta pela floresta em pé.

"O mundo não é, o mundo está sendo."

(Paulo Freire)





Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais da Amazônia ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, Assentamentos Agro Extrativistas e florestas. O conhecimento que está na "memória popular" sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, seus atrativos, potenciais e desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e a Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado "PRAZER EM CONHECER".

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades do maior Projeto de Assentamento Agro Extrativista do Município de Santarém: o PAE Lago Grande. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a região do alto lago, onde situa-se a Comunidade de Cachoeira do Aruã, na margem esquerda do rio Aruã. Trata-se de uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades que se formaram a partir das antigas vilas de velhas missões e aldeias indígenas.

Esta publicação, elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo é um retrato atual desta realidade contada pelos próprios moradores da região da Cachoeira do Aruã.





Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a "memória" da comunidade como principal subsídio, também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menor risco de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe às comunidades, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a "mesma língua" e a seguir chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE – A troca de experiências permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.



O PAE Lago Grande

Na Gleba Lago Grande, após anos de reivindicação das populações tradicionais e dos movimentos sociais de Santarém foi criado, em 28 de novembro de 2005, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o Assentamento Agroextrativista do Lago Grande (PAE Lago Grande), em uma área de 2.503,44 km².

Um Projeto de Assentamento Agroextrativista é uma modalidade de assentamento destinada à exploração de áreas dotadas de riquezas extrativas, através de atividades economicamente viáveis, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis a serem executadas pelas populações oriundas de comunidades extrativistas.

Atualmente, cerca de 30.000 pessoas moram no PAE Lago Grande. São descendentes de indígenas, de escravos fugitivos de antigos quilombos, de portugueses e nordestinos, que constituem hoje cerca de 134 comunidades tradicionais que baseiam seu sustento na produção de farinha, na pesca artesanal, no agroextrativismo, dentre outras atividades.

Em 2005 foi constituída a Federação das Comunidades do Assentamento do Lago Grande (FEAGLE), com o objetivo de acompanhar junto ao INCRA os processos de titulação coletiva, elaboração dos planos de desenvolvimento e de utilização da terra e a liberação dos créditos e fomentos para projetos de infraestrutura, habitação e produção. Tais créditos estão previstos no II Plano Nacional de Reforma Agrária, criado ainda no primeiro governo Lula.

De 2005 até os dias de hoje vem acontecendo uma grande mobilização na FEAGLE e nas comunidades do PAE Lago Grande para a conquista de todos os direitos previstos pela Reforma Agrária, mas, sobretudo, para a garantia de seus territórios, no presente e no futuro para o desenvolvimento pleno das novas gerações.

Desta forma, os desafios se concentram em torno da estruturação de um processo de gestão comunitária legítimo, que conduza a elaboração do zoneamento, dos planos comunitários de utilização da terra, a formação de cadeias produtivas alternativas e a resolução dos conflitos fundiários e de acesso aos recursos naturais.





Uma viagem até as brumas

No verão tapajônico muitos dos caudalosos rios transformam-se em serpenteados caminhos e lagos misturados entre as pedras e bancos de areia. Nesta época da vazante dos rios, a primeira atração é a larga e exuberante foz do rio Arapiuns, alcançada numa travessia do Rio Tapajós de cerca de uma hora e meia, a partir da Ponta do Jari.

Ao lado direito da embocadura destaca-se a branca praia de Cuipiranga, no lago Grande, enquanto que, no outro lado, a Ponta do Urucuri, que pertence à comunidade de Vila Franca.

Adentrando na embocadura cerca de 30 minutos depois, a Ponta do Içuxi aparece deslumbrante, com suas praias de areias finas e claras. A vontade é parar para um mergulho, mas a viagem continua. Depois de uma hora e meia não há quem não se encante com a imponente Ponta Grande, praia mais bonita e exuberante do Arapiuns.

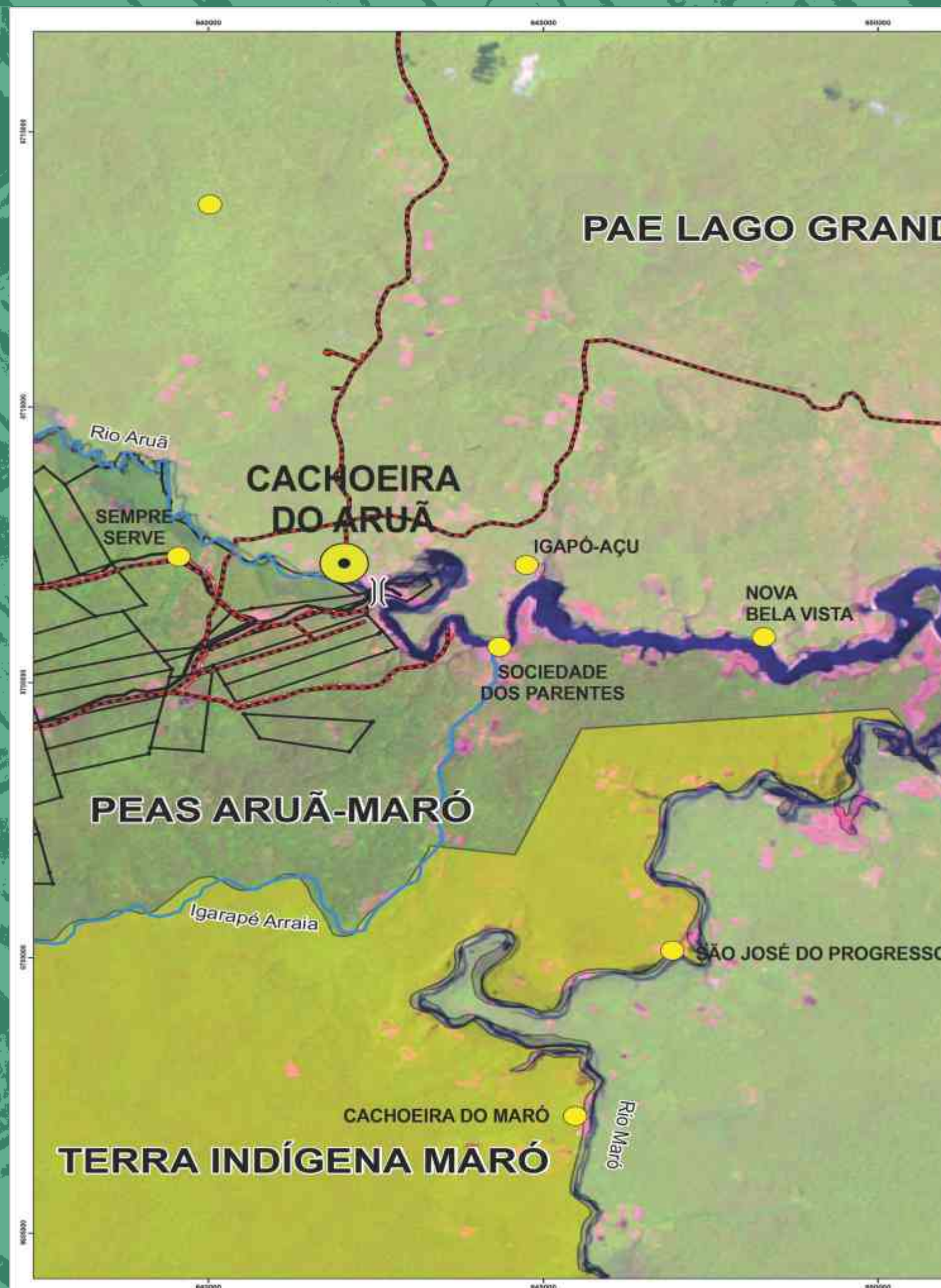
As surpresas não param de acontecer. Desta vez é a Ponta da Miripixi e a Pedreira, imponentes na entrada da enseada da Vila Gorete. A viagem segue e outras comunidades vão se sucedendo: Tucumã, Atodi, S. Francisco, Bom Futuro, a exótica São Pedro, Curi e Mentai.

O Rio vai estreitando e espumas na água e uma densa neblina são os primeiros sinais da chegada em Cachoeira do Aruã. Navegar nesta época do ano requer muita habilidade. As águas negras do rio Aruã e as praias maravilhosas nos mostram que estamos perto do encanto das águas.

O silêncio é total, somente o barulho dos remos e o eventual ronco das rabetas quebram a monotonia, que aos poucos é amortecido pelo som da cachoeira. É o Rio Aruã, coberto de espuma branca enquanto uma névoa começa a tomar conta do ambiente.

Após a última curva temos a visão panorâmica da cachoeira, o encanto das águas. Ao alto do barranco da margem esquerda podemos avistar os telhados das casas e dos tapiris, local que rara beleza que esconde mistérios e lendas incríveis. A viagem até Cachoeira do Aruã é exuberante, um atrativo cheio de agradáveis surpresas para os viajantes, que navegam pelo paradisíaco Arapiuns.







Bairro N. VITÓRIA

BAIRRO
CENTRAL

PARTE
TILNEIRO



Localização

Chegamos à extrema da Região do Alto Lago, exatamente na divisa com a Gleba Nova Olinda e a Reserva Extrativista (Resex) Tapajós/Arapiuns. É aqui, nas coordenadas 2°28'58" S e 55°43'24" W, numa altitude de 64 metros do nível do mar que a Vila de Cachoeira do Aruá, conhecido ponto turístico do Município de Santarém, fica localizada.

Com uma população residente (hoje) na Sede da Comunidade de aproximadamente 125 famílias (algo em torno de 750 habitantes), Cachoeira do Aruá já se tornou uma localidade polo da região do Aruá.

A disponibilidade de energia, que garante o abastecimento de energia 24 horas e a implantação de empresas do setor madeireiro, alavancaram um aumento populacional que nos últimos anos transformou a pequena comunidade em uma vila de 125 famílias.

Apesar de ser um lugar "distante" a vila de Cachoeira do Aruá já possui uma boa infraestrutura. Além de uma microusina que lhe garante a produção de energia, a comunidade dispõe de acesso à internet através do seu Telecentro comunitário, implantados com apoio do Projeto Saúde & Alegria.

Já existe uma "área urbana", cujo centro surgiu no entorno da praça Prudêncio Matos da Fonseca e de um imponente prédio: a igreja de Nossa Sra. de Nazaré, padroeira da comunidade.

Ao poucos, a comunidade foi se expandindo e hoje conta com três bairros: Centro, Esperança e Nova Vitória. Três ruas sem pavimentação limitam a área da Vila. A principal delas é a Rua Heitor Fonseca, que corta o bairro central e se estende até a periferia. Ela é cortada pela Rua Antônio Martins e pela Avenida Rio Branco, que dão acesso aos bairros Esperança e Nova Vitória.

As casas, em sua maioria são construídas em madeira e, em menor número, de alvenaria. Uma bela praça, reformada em parceria com a direção da escola, abriga, entre outras atrações, a Igreja principal.

Pelas suas belezas naturais (cachoeiras e corredeiras) e pelos serviços que hoje dispõe, Cachoeira do Aruá está se tornando o principal ponto de visitação dessa região, aumentando constantemente o número de seus visitantes.





Um pouco de história

Nos seus primórdios, de acordo com dados do historiador Prudêncio Matos da Fonseca (Puruca), o processo de habitação e povoamento de Cachoeira do Aruã ocorreu no início do século XVIII.

No local onde hoje situa-se o centro da vila, inicialmente havia apenas um porto, de onde os moradores e viajantes se dirigiam para o trabalho de exploração de madeira, roça e caça. Esse porto, por sua utilidade geral ficou conhecido como "Porto Franco".

Com o passar dos tempos a pequena base de exploração foi se tornando mais desenvolvida com a instalação de um pequeno comércio pelo Sr. Joaquim dos Santos Fonseca e sua esposa, Alcina Jovina da Fonseca, nas imediações do porto, advindo daí o ajuntamento gradativo de pessoas.

Entre os primeiros habitantes do local destacam-se os nomes de Acrescência Alves, Antônio Alves, Torquato Alves, Norberto Marques, Antônio Aziel, Manoel Caninana, Luiz Gonzaga, José Ponsadilho Rodrigues e Romualdo Duarte. Estes inclusive participaram da construção de uma pequena capela, onde foi instalada a imagem da padroeira local, N^a Sra. de Nazaré.

Com muita madeira nobre em suas matas e como todo bom porto, "Porto Franco", hoje Cachoeira do Aruã, sempre teve tradição para a construção naval. Nessa arte, seu precursor foi o morador Prudêncio Fonseca Sobrinho. Seu "Saluca", como era mais conhecido, se destacou na sociedade "aruense" pelo seu empenho e profissionalismo como mestre da arte naval.

Além de construir os mais variados tipos de embarcações, ele se preocupou em repassar os conhecimentos da profissão aos mais jovens. Para isso, idealizou uma Escola de Construção Naval, que funcionou durante certo tempo na comunidade. Os estudantes, devidamente fardados e com as ferramentas nas mãos, participavam de aulas práticas de construção naval.



A vida como ela é

Distante 105 km da sede do município, a comunidade cresceu em torno do último dos desníveis das quedas d'água que compõem o conjunto de cachoeiras situadas ao longo da embocadura do rio Aruã, que deságua no rio Arapiuns.

A viagem até a comunidade é feita em pequenas e médias embarcações (BONANZA, LUIZ JR; PAULO VITOR, CACHOEIRA DO ARUÃ e MISTER MIRANDA), que saem por volta 12 horas, às terças-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras da orla de Santarém, em frente ao Mercado 2000. O trajeto de volta para sede do município acontece aos sábados, domingos, segundas e quartas-feiras.

Para percorrer a rota as embarcações levam cerca de doze horas. Ao longo da viagem os barcos param diversas vezes para deixar passageiros nas comunidades que ficam ao longo do Arapiuns. A passagem custa R\$30,00 e durante a viagem é servida merenda e jantar aos passageiros.

Outra opção para chegar à comunidade é de carro em viagem de balsa até o Patacho, na região do Lago Grande. De lá, pela rodovia Translago viaja-se até o bueiro da Tabatinga, na comunidade de Soledade, próxima à Vila do Piraquara, de onde pega-se o ramal da Terra Preta dos Vianas e Rio Branco, chegando-se finalmente à Cachoeira do Aruã.

Pequenas embarcações são usadas em viagens curtas para chegar às localidades próximas e aos pontos de pescarias. Comum também é o uso da carroça de boi, (15 unidades), usadas para transporte local de farinha de mandioca e outros produtos provenientes da agricultura e extrativismo.

Há um crescente aumento de bicicletas, motos, e carros (em menor número) e até um Caminhão, que garantem a mobilidade pelas regiões acessíveis via terra.

Infraestrutura Comunitária

Além do acesso pelo Rio e pelas estradas, pode-se alcançar Cachoeira de Aruã com pequenos aviões. Uma pista de pouso funciona atrás da comunidade, garantindo mais uma opção para quem tiver pouco tempo à disposição.

Na Vila tem telefones públicos e já existem 16 telefones nas residências de comunitários.

Educação

A escola, onde funciona o ensino fundamental e médio é uma construção recente em alvenaria e coberta com telhas de barro e vem sendo administrada pela Secretaria de Educação do Município de Santarém através de um diretor local. A secretaria funciona bem. Os professores dispõem de uma casa reservada e exclusiva para moradia.

Ao todo emprega 20 funcionários e 01 pedagogo e trabalha-se com 102 alunos.

Um Telecentro Cultural com acesso a internet gerenciado em parceria entre a escola e a associação de moradores, garante o trabalho de inclusão digital da Comunidade.

Um projeto interessante denominado "Lendo a bordo" vem sendo implementado pelo professor Wallace Sampaio, leva, durante as viagens de barco, uma pequena biblioteca para leitura das pessoas interessadas. Está funcionando no barco motor Mister Miranda;

Saúde

O posto de saúde é construído em alvenaria e telha de barro. A Comunidade dispõe de um Agente Comunitário de Saúde, e seis Parteiras. A Comunidade possui um Microssistema de abastecimento de água que garante água encanada de boa qualidade em todas as habitações.



Economia

A economia de Cachoeira do Aruã já mudou muito. As atividades econômicas cresceram bastante e o consumo também.

A configuração socioeconômica da população já não se caracteriza mais como comunidade tradicional, o comércio se tornou a principal atividade econômica e só uma minoria de seus moradores ainda trabalha na agricultura familiar, no cultivo de pequenos roçados sazonais (mandioca, milho, feijão). Um Projeto de Horta comunitária para produção de hortaliças em larga escala vem sendo implementado por um ex-morador do Lago Grande (Gil).

A maioria trabalha nas empresas madeireiras, no comércio, nos serviços e no serviço público (educação). O turismo, geralmente de visitas proveniente de Santarém e Juruti, está se tornando uma atividade importante, e está começando a ser explorado pelos moradores. Hoje já existe uma pousada que funciona ao lado das quedas de água.

Lazer, Festas

O futebol é praticado por ambos os sexos, portanto, vem ser a principal atividade acompanhada das festas dançantes e bingos promocionais. Há dois times de futebol: o Internacional F.C. e o Santa Cruz F.C. e ambos possuem sedes construídas em madeira e cobertura de brasilite. A principal festa é a da Padroeira Nossa Senhora de Nazaré, no dia 08 de Dezembro. Há festas tradicionais nos bairros: Centro, Esperança e Nova Vitória.

Organização Social e Política

A Comunidade de Cachoeira do Aruã é organizada em torno da AMOPE - Associação dos Moradores e Produtores de Energia de Cachoeira do Aruã, associação fundada em 2005 com a finalidade principal da geração e fornecimento de energia elétrica para todos os membros da comunidade.

A AMOPE se caracteriza como Produtora Independente de Energia, dona, mantenedora e gestora da produção de energia na Vila. Um modelo organizativo onde a comunidade assume as atividades de geração de energia elétrica viabilizando um sonho antigo da comunidade, o direito ao acesso à energia, o bem mais valioso para as comunidades distantes, sempre obrigadas a limitar o seu próprio desenvolvimento por falta de energia e condenadas a ficar no escuro.

Na Vila funciona também uma delegacia sindical do STTR de Santarém.



A luta pela energia

Sem energia elétrica firme, a comunidade da Vila de Cachoeira do Aruã tinha pouca esperança de melhorar a sua qualidade de vida e aumentar a sua renda.

A partir dessa realidade o Projeto Saúde e Alegria junto ao CERPCH – Centro Nacional de Referência em Pequenos Aproveitamentos Hidroenergéticos da Universidade Federal de Itajubá estudou o potencial hidrelétrico da Cachoeira do Aruã para ser agregado ao processo de desenvolvimento comunitário.

Com essas parcerias foi possível instalar uma MCH (Micro Central Hidrelétrica) com potência de 50kW, com baixíssimo impacto ambiental. Uma mudança radical se considerarmos que antes suas famílias tinham que pagar R\$10,00 mensais para o funcionamento de um gerador a diesel, por 3 horas diárias de energia aos fins de semana.

A abordagem inovadora desse Projeto é a transformação do serviço de eletricidade em mais uma cadeia produtiva, a ser operada pela comunidade, gerando, ela mesma, excedentes econômicos que irão contribuir para a sua sustentabilidade.

Para tanto, foi criada uma entidade comunitária local - AMOPE – Associação dos Moradores e Produtores de Energia Elétrica da Cachoeira do Aruã, que se caracterizou como Produtor Independente de Energia (PIE) e como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

A principal inovação contida neste projeto é a aplicação de uma nova tecnologia de gestão para sistemas isolados de energia elétrica. Ou seja, a criação de uma entidade comunitária para atuar como Produtor Independente de Energia,





Glossário

ARU: Sapo legendário que vira Moço bonito. Chefe indígena com insaciável apetite sexual.

MEDRAR: Crescer, desenvolver-se em relação às plantações e aos vegetais.

ACS: Agente comunitário de saúde.

NHAENGATU: Língua mãe, indígena com gramática, criada pelos religiosos.

FICHA TÉCNICA



ALEGRIA

EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Natanael Alves de
Souza / Catia Magalhães / Fabio Pena

PROJETO GRÁFICO E
DIREÇÃO DE ARTE
Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO
Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA e fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO
Gráfica Brasil

TIRAGEM
500 Exemplares

